

**FELIZ ANO VELHO E AS APROXIMAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE
E AS ÕESCRITAS DO EUÖ**

Darlan Roberto Santos¹

RESUMO: Este artigo propõe fomentar o debate sobre as possíveis relações entre literatura (mais especificamente, as õescritas do euö) e psicanálise. Para isso, adota-se, como obra exemplar, Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva. Durante a discussão, os conceitos de luto e melancolia serão mobilizados, a fim de se enfatizar a possível análise da autobiografia sob um prisma psicanalítico.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Escritas do eu.

**FELIZ ANO VELHO AND LINKS BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND
ÕWRITINGS OF THE SELFÖ**

ABSTRACT: This paper aims to stimulate a discussion on the possible relations between literature (specifically, the "writings of the self") and psychoanalysis. For this, we adopt, as exemplary work, Feliz Ano Velho, by Marcelo Rubens Paiva. During the discussion, the concepts of mourning and melancholia will be mobilized in order to emphasize the possible analysis of the autobiography under a psychoanalytic perspective.

Key-words: Literature; Psychoanalysis; Writings of the self.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a psicanálise desenvolve uma estreita relação com a literatura. A matéria-prima de ambas ó a palavra ó levou o pai da ciência, Sigmund Freud, a basear seus estudos em várias obras, de autores como Dostoievski, Goethe, Shakespeare e Hoffmann, entre tantos outros. O primeiro estudo publicado pelo teórico, sobre obra literária, data de 1907: *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. A partir daí, vários textos e produções artísticas seriam alvo das pesquisas de Freud. Uma vez que a cultura encontra-se como tema

¹ Pós-Doutor, tendo desenvolvido a pesquisa ÕNa mídia, na rua: O lixo em evidência e a desestabilização do discurso críticoö; sob orientação da professora Ivete Walty (PUC-MG). Doutor em Letras pela UFMG. Área: Literatura Comparada. Faculdade Santa Rita / Conselheiro Lafaiete - MG / Professor Adjunto. MG, Brasil. fenixdr@gmail.com

de estudo da psicanálise, seus produtos, incluindo neles a literatura, deveriam merecer atenção especial. Esse foi o caminho tomado pelo psicólogo da alma, que utilizou personagens e obras para "vislumbrar a vida imaginária dos homens".

Suas análises, invariavelmente, dirigiam-se à intenção do artista, não para compreender intelectualmente a literatura, mas para ter acesso à mesma "constelação mental" que no autor produziu o ímpeto de criar. Assim, o objetivo do escritor, concretizado no texto, poderia ser compreendido e comunicado em palavras, como todos os outros fenômenos da vida mental. Freud defendia seu ponto de vista afirmando que a psicanálise é fundamental para se decodificar uma obra de arte, isto é, interpretá-la, descobrir seus possíveis significados.

De fato, a psicanálise trabalha sempre com o verbal, via interpretação. Não se trata de querer explicar a criação artística, pois para o teórico, o poeta é uma espécie de feiticeiro, guiado pela inspiração, por algo que suplanta a racionalidade. As pulsões que levam um artista a criar seriam as mesmas que levam outras pessoas à neurose. Porém, o artista, o literato, exprime suas fantasias, torna-as aceitáveis e até prazerosas a outros, realizando os desejos próprios e os alheios.

Nesse trabalho quase arqueológico do escritor, de recolher e expressar seus anseios e fantasias através da escrita, a memória também adquire importância crucial. Afinal, um fato que escapa ao esquecimento não pode ser insignificante. Para o pai da psicanálise, devemos suspeitar sempre do que foi conservado na memória.

Outra importante lição deixada por Freud diz respeito à relação entre sonho e literatura. Para ele, ambos têm a estrutura de metáfora; uma obra sempre diz algo que seu autor desejou conscientemente dizer, mas também diz outras coisas, refere-se a intenções secretas. É como se entre o escritor e o leitor existisse um terceiro elemento, criado nas entranhas do texto. É nessa outra coisa, em parte, que se aloja o prazer da leitura e o segundo as fantasias de cada leitor. O texto escrito, no modelo que a psicanálise freudiana permite construir, é apenas uma fachada, uma máscara, um véu através do qual se pode analisar as múltiplas fantasias do autor, do leitor, do próprio texto e o texto latente.

Com base em possíveis relações entre literatura (mais especificamente, as descritas do eu) e psicanálise, o objetivo deste artigo é fomentar o debate em questão, tendo, como obra exemplar, *Feliz Ano Velho*, autobiografia que marca a estreia de Marcelo Rubens Paiva

como escritor, após um evento trágico: o mergulho em uma lagoa, que o deixou paraplégico, aos 20 anos de idade. Neste sentido, conceitos como o de luto e melancolia serão mobilizados.

PSICANÁLISE E AS ÕESCRITAS DO EUö: INTERFACES

Em seus estudos sobre o indivíduo na pós-modernidade, Ann Kaplan discorre a respeito da ilusão de subjetividade que permeia a sociedade ocidental, especialmente após o advento da burguesia. Ela afirma que:

[...] não só o sujeito individual burguês é coisa do passado, como também é um mito; ele nunca existiu realmente, para começo de conversa; nunca houve esse tipo de sujeitos autônomos. Ao contrário, esse constructo foi apenas uma mistificação filosófica e cultural que procurou convencer as pessoas de que elas õtinhamö sujeitos individuais e possuíam essa identidade pessoal única. (KAPLAN, 1993, p. 30)

Ao debruçar-se sobre as ãescritas do euö (biografias, autobiografias, diários e afins), a psicanálise encarrega-se de reforçar a concepção de sujeito plural, elaborado culturalmente. Esse empreendimento é efetivado através dos estudos sobre relatos de vida, realizados, inicialmente, por Freud. Neste sentido, é importante frisar que a matéria-prima das escritas memorialísticas ó as lembranças ó não são tomadas pela ciência como algo absoluto, inquestionável. Isto porque, segundo a teoria freudiana, as memórias não se apresentam linearmente, ao contrário, revelam-se como fulgurações, fragmentadas. Elas só adquirem inteligibilidade ao serem trabalhadas literariamente. Só então as lembranças obtêm a forma de narrativa, com começo, meio e fim.

Freud aborda a questão ó da construção das lembranças ó em textos como *Lembranças Encobridoras* (1899), *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância* (1910), *Uma Recordação de Infância de Dichtung und Wahrheit* (1917) e *Construções em Análise* (1937). Em 1911, ao publicar sua análise sobre o presidente Daniel Paul Schreber (In.: *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)*), o teórico reforça o interesse pelas autobiografias, alegando que estas configuram-se como um manancial "do conteúdo simbólico das fantasias e delírios" (FREUD, 1996b, p. 105). A respeito disso, Leônia Cavalcante Teixeira esclarece que:

Por mais que um relato autobiográfico se estruture pela narrativa ordenada de fatos, de eventos cronologicamente organizados, um outro texto pode ser lido de modo subliminar àquele, um texto que tenha a marca do sujeito que realizou todos esses fatos, um escrito

que, distintamente do que encobre, traz à tona a trama de desejos que move o sujeito, sem que ele tenha consciência disso. (TEIXEIRA, 2003, p. 38)

Entretanto, ao tomar as escritas memorialísticas como objeto de estudo, a psicanálise faz ressalvas, especialmente ao deixar claro o caráter essencialmente interpretativo do gênero literário. Há um embate entre a literatura e a ciência, para quem o eu é somente uma construção, uma ficção, configurada a partir do outro ó o outro da cultura. Daí ser uma construção intersubjetiva, como Freud esclarece em *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* (1914) e Lacan em *O Estágio do Espelho como Constituinte do Eu* (1932).

A teoria literária, por outro lado, em várias de suas vertentes aposta na supremacia do escritor que se doa através da palavra e, portanto, é senhor de seu próprio ser, um autor onisciente, que detém o poder sobre seus personagens e, no caso de uma autobiografia, sobre sua persona expressa no texto.

A psicanálise refuta tal concepção e questiona o pacto autobiográfico, proposto por Philippe Lejeune (2008). Isto porque, tendo em mente o desfazimento da ilusão de um ãeuö uno, da individualidade centrada em si mesmo, narrador e protagonista podem ser vislumbrados, nos relatos memorialísticos, como outros em relação ao autor, e não somente como várias nuances de si mesmo.

A grande quimera do autor é imaginar-se como onipotente em relação ao narrador e ao protagonista; de acordo com a psicanálise, o escritor engana-se ao pensar que tem domínio sobre a narrativa de si mesmo, õjustamente por ele próprio, pensando saber sobre seu desejo, perder-se nas seduções de identidade que constrói narcisicamente, não se dando conta de que a verdade que lhe é possível é a do seu desejo, do qual se encontra alienadoö (TEIXEIRA, 2003, p. 62).

Portanto, para Freud e seus seguidores, a autobiografia, ao ser concebida pelo sujeito que pretende escrever sobre si, influenciado por questões sobre sua própria existência, seria predominantemente uma tentativa de responder aos enigmas humanos. A busca de respostas ocorre no campo da experimentação, como construtor de si próprio pelo ato da escrita; empreitada que escapa aos domínios de um discurso racional e que não permite ser nomeada.

Assim, o sujeito, tal como é pensado pela psicanálise, como um ser dividido, está fadado à impossibilidade de atribuir um sentido linear à sua história de vida. Mesmo valendo-se de recursos como a escrita, sempre existe algo que escapa de uma compreensão absoluta a

respeito de si mesmo. Há eventos da vida que não são passíveis de serem significados, o que configura uma distância crucial entre o indivíduo e seu escrito; um abismo fundado na radicalidade do inconsciente, já que a verdade do desejo só se presta a especulações.

Embora o autor tente se definir, através do relato autobiográfico, este coloca-se no plano do interminável. A escrita, em termos documentais, é espacial e temporalmente finita, mas somente retrata um *locus* de identidade no qual a delimitação do sujeito não passa de uma tentativa ou um exercício de autoconhecimento.

FELIZ ANO VELHO: UM ÕEXERCÍCIOÕ PSICANALÍTICO

A psicanálise, assim como a crítica literária, crê em um acontecimento mobilizador da escrita, Õuma intervenção, na existência anterior do indivíduo, de uma mudança ou transformação radical que a impulse ou justifiqueÕ (MIRANDA, 1992, p. 31). As considerações de Wander Melo de Miranda vão ao encontro do que preconiza Speyer, que afirma: Õqualquer legítima criação poética terá nascido de mais de um motivo, de mais de um estímulo na alma do poeta, e possibilitará mais de uma interpretaçãoÕ (SPEYER, 1963, p. 52).

Em *Feliz ano velho*, os dois eventos de maior impacto, vivenciados por Marcelo Rubens Paiva são o desaparecimento de seu pai, vítima do regime militar, e o acidente na lagoa, que o deixou paraplégico. Tendo em mente uma abordagem psicanalítica, destacamos algumas funções primordiais às quais se presta a escrita do autor. Para ele, a realização da autobiografia funciona como um trabalho de luto e uma maneira de canalizar sua melancolia.

Em relação ao acidente na lagoa, Paiva assume a culpa pela fatalidade e recrimina-se pelo ato impensado. Tal posicionamento se expressa pelo estilo altamente irônico de *Feliz Ano Velho*. Muitas passagens do livro valem-se de um humor negro que, em última instância, dissimula a imensa dor do arrependimento, da autocensura. Os exemplos são vários: "Finalmente chegou minha mãe, a primeira reação que tive foi a de sentir vergonha pela cagada que havia feito: me atirar num lago de meio metro, bêbado." (PAIVA, 1982, p. 20); "(...) não seja tão imbecil a ponto de mergulhar num lago, bêbado e chapado, sem antes conhecer a sua fundura." (PAIVA, 1982, p. 113); ÕSou um outro Marcelo, não mais Paiva, e sim Rodas. Não mais violonista, e sim deficiente físicoÕ (PAIVA, 1982, p. 231)

A melancolia está presente na obra, reforçada pela recorrência aos fatos trágicos. Tal sentimento de tristeza e nostalgia, no entanto, deriva não somente da trajetória da personagem, mas, também, do tipo de texto utilizado por Marcelo, no resgate de sua própria história. Afinal, o ato de narrar encerra em si um caráter melancólico, por priorizar uma época passada, resgatável somente através do discurso. Susana Kampff Lages explica: “Toda narrativa é de alguma forma tributária de um impulso melancólico, pois ao mesmo tempo que atualiza eventos do passado reafirma o seu caráter por definição passado, isto é, que passou, morreu, deixou de existir e, portanto, pranteável.” (LAGES, 2002, p. 131)

A citação nos leva a crer que, em geral, as escritas memorialísticas encerram consigo uma carga melancólica, mesmo que não levemos em conta o estilo adotado pelo autor. Isto porque o simples fato de rememoração do passado já é, por si só, melancólico. Ao retomar seu passado, através do ato de escrever, o memorialista tem a pretensão de resgatá-lo, de recuperar o que se perdeu e de reparar erros de outrora. No entanto, tal empreitada mostra-se ilusória, já que o tempo pretérito está definitivamente encerrado. Daí a frustração latente nas obras, que se mescla a um desejo de superar o luto diante das perdas.

Não obstante à inerência do luto e da melancolia aos relatos de vida, os dois sentimentos são preponderantes em *Feliz Ano Velho* e, por vezes, perpassam um mesmo acontecimento, confundindo-se e inter cruzando-se. Embora haja características comuns às duas afecções, Freud, estabelece diferenças entre elas:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto (...) Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em autorrecriação e autoenvilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1996a, pp. 275-276)

Freud explica, ainda, que uma característica marcante da melancolia que não corrobora com o luto é a perturbação da autoestima: “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia, é o próprio ego” (FREUD, 1996a, p. 278).

Em *Feliz Ano Velho*, indícios levam-nos a crer que a melancolia está mais especificamente ligada ao acidente e suas consequências na vida de Marcelo, enquanto o luto refere-se, com maior propriedade, à perda do pai. O empobrecimento do mundo, por exemplo,

relaciona-se à decepção diante de um sistema político-social injusto, responsabilizado pela desaparecimento de Rubens Paiva e pelas dificuldades vividas em família:

O que minha mãe já passou na vida a fez ter essa cara de segurança em qualquer momento trágico. Você já imaginou uma mãe de cinco crianças ter a sua casa invadida por soldados armados com metralhadoras, levarem seu marido sem nenhuma explicação e desaparecerem com ele? Já imaginou essa mãe também ser presa no dia seguinte, com sua filha de quinze anos, sem nenhuma explicação? Ser torturada psicologicamente e depois ser solta sem nenhuma explicação? (...) É duro, né? Nem Kafka teria pensado em tamanho absurdo. (PAIVA, 1982, p. 31)

Em uma postura totalmente diferente, ao falar sobre o salto na lagoa e a perda dos movimentos, a personagem recrimina-se, chegando a culpar-se pelo acidente: "Preferiria que o tempo voltasse atrás, até aquele exato momento em que eu mergulhei naquele lago. Quantas vezes desejei isso. Uma coisa de nada transformou minha vida num pesadelo." (PAIVA, 1982, p. 38) Outros elementos preponderantemente melancólicos reforçam a conexão entre o acidente e a melancolia: a frágil autoestima: "Eu era um cara supervaidoso, me olhava no espelho e tinha a certeza de que era lindo. (...) agora, todo esse orgulho de belinho, olhinho e sorriso foi por água abaixo. Fiquei feio, estupidamente feio. Esquelético, espinhudo, paralisado, branquela, olheiras, caspas, careca (...)." (PAIVA, 1982, p. 101); a incapacidade diante do amor e do sexo: "Já faz três meses, e posso dizer que não estou com a menor ansiedade. Aliás, acho que é normal, na situação louca em que me encontro. Não tenho tempo de pensar em sexo. Nem tempo, nem cabeça." (PAIVA, 1982, p. 105), e a insistente comunicabilidade, assinalada pelas frases curtas e ágeis e a mudança repentina do foco da narração:

"Onde estou? Quanta gente me olhando... é mesmo, fui operado. Eu sou Marcelo. Puta que o pariu, como dói, os caras me puseram numa pedra?... Meu pescoço, dói demais... tá tudo vermelho, que frio... não consigo falar, minha língua tá mole... tô com frio, mas tô suando. - FRIO. Puseram mais um cobertor. Tô com fome e sede. - ÁGUA. - Não pode, deixa acabar o efeito da anestesia. Como dói, meu deus, não aguento mais..." (PAIVA, 1982, p. 206)

Esta última característica, ou seja: o desmascaramento de si mesmo advindo de uma comunicabilidade intensa, é objeto de estudo de Julia Kristeva, que identifica tal postura na perda do objeto e na modificação dos laços significantes: "Estes últimos, em particular a linguagem, no conjunto melancólico-depressivo, revelam-se incapazes de assegurar a autoestimulação necessária para iniciar certas respostas. Em vez de operar como um sistema

de recompensas a linguagem hiperativa, pelo contrário, o acopla à ansiedade-punição. (KRISTEVA, 1989, p. 16)

Assim, a melancolia apresenta ambiguidades, na medida em que conduz ao desânimo intenso e, ao mesmo tempo, a um comportamento altamente reflexivo, que move o melancólico na busca por respostas para seus dilemas. Marie-Claude Lambotte define essa conduta questionadora como uma "excitação furiosa do pensamento, capacidade de raciocinar, semelhante à embriaguez do vinho" (LAMBOTTE, 2000, p. 33)

Daí, talvez, justifique-se o texto verborrágico de Paiva, as frases curtas, a profusão de acontecimentos que vão sendo contados, o ir e vir no tempo; reflexos do turbilhão de pensamentos e sensações que atingem a personagem, que, de concreto, tem apenas os fatos vividos. O futuro, para o melancólico Marcelo, é apenas uma incógnita, enegrecida pela falta de perspectivas.

Outro dado que revela a melancolia e, em especial, o estilo do autor na obra, é o contraste entre a sua situação atual e o passado. Este é vivaz, cheio de descobertas, típico de um jovem. Já o presente é engessado, triste, marcado pelo ressentimento e pelas dúvidas.

Por fim, um elemento fundamental, que nos permite apontar o luto e a melancolia como eixos centrais do texto, é a questão da superação. Segundo Freud, no trabalho de luto prevalece o princípio da realidade e, depois de certo lapso de tempo, o "eu" mostra-se capaz de substituir o objeto perdido por outro, retomando suas relações com o mundo externo. Assim, em *Feliz Ano Velho*, a escrita autobiográfica cumpre o seu papel de superação da perda do pai, ao estabelecer um substitutivo para esse fato: o ato de narrar. Marcelo expurga a dor ao apontar os culpados pelo seu drama, sucedendo o sofrimento pela denúncia e a ânsia de justiça.

O mesmo não se dá com a melancolia, tal como sentimento relativo ao acidente na lagoa, uma vez que a elaboração da perda não se processa. A incompletude, de acordo com Freud, ocorre porque o sujeito melancólico não sabe exatamente o que se perdeu. A dúvida sugere que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda (FREUD, 1996a, p. 168).

De fato, enquanto o destino trágico do pai está bem delimitado para a personagem, em todas as suas circunstâncias e implicações, o acidente na lagoa e suas consequências ainda

são uma incógnita para Marcelo. A dúvida talvez seja o sentimento mais forte do autor, que se encontra em um tempo no qual restam apenas medo, arrependimento, esperança e angústia. A perda de si mesmo não é concluída e essa indefinição reflete-se no texto, de modo que a autobiografia não segue uma trajetória cronológica. Ao contrário, a obra constitui-se de um mosaico de elucubrações, em que o princípio e o fim são duas pontas idênticas, que se unem em uma mesma consideração, marcada pela mortificação:

Hoje em dia, me pergunto se preferiria estar morto. Não sei, nem quero saber. Só sei que, nas noites em que tenho insônia, lembro de um garoto normal que subiu numa pedra (...) e pulou com a pose do Tio Patinhas, bateu a cabeça no chão e foi aí que ouviu a melodia: BIIIIIN. Estava debaixo d'água. Não mexia os braços nem as pernas. Via somente a água barrenta e ouvia: BIIIIIN." (PAIVA, 1982, pp. 231-232)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feliz Ano Velho não é uma obra com pretensões de cunho psicanalítico e a simplicidade é uma de suas principais marcas. No entanto, é através da sinceridade das palavras do autor que se pode apreender uma série de elementos que permitem classificar o texto como um espelho de seu criador. Um espelho anímico, que reflete não só suas dores pessoais, mas dramas e anseios concernentes a toda uma geração.

Neste sentido, o livro configura-se como um instrumento primordial para acessar não só a alma de Marcelo Rubens Paiva, mas também aspectos da juventude forjada em um período histórico marcado pela repressão política e cultural. Esta, aliás, é uma das perspectivas que mais chamam a atenção para a obra, como ressalta o crítico literário Celso Arnaldo Araújo, ao resenhar o livro para a extinta revista *Manchete*. Ele considera que:

O livro talvez seja o mais cortante depoimento da geração pós-64. [...] o drama de Marcelo é, porém, uma perfeita alegoria de toda uma geração politicamente paralisada: a história de uma impotência levada às últimas consequências. (ARAÚJO, 1983, p. 43)

Ao enfatizar a autobiografia de Marcelo Rubens Paiva sob um prisma psicanalítico, acessamos, concomitantemente, matizes de sua personalidade e de sua *psique*, embora seja impossível darmos conta, através da literatura, de toda a complexidade do objeto investigado. O antropólogo Peter Loizos enfatiza as limitações da arte e o caráter ilusório que as (auto)biografias despertam nos espectadores, dando-lhes a ilusão de um contato com retratações diretas das realidades humanas. O pesquisador alerta que:

nem como escritos, nem como filmes, as biografias ou retratos oferecem "acesso direto" à realidade, mesmo que possamos apontar pessoas identificáveis que são as "primeiras causas" (ou no trocadilho pós-modernista, os pré-textos) de seus textos. No sentido da "cópia carbono", não existem "fatias de vida", mas histórias de vida, narrativas de autor sobre vidas reais. (LOIZOS, 1996, p. 153)

Entretanto, mesmo que a literatura não funcione como uma chave, capaz de abrir-nos as portas de uma dada consciência ó ou do inconsciente ó, não se pode ignorar o caráter aproximativo da narrativa com a história real. O texto literário, assim como o òtextoö de um paciente que se entrega à psicanálise, exige interpretação. Há sempre um sentido manifesto e um sentido latente, que o analista trata de esmiuçar. A escrita, neste sentido, funciona como uma espécie de sonho, no qual se deve interpretar o sentido manifesto, para que se revele o sentido latente, escondido geralmente sob elementos absurdos e incoerentes, levando sempre em conta as associações do sonhador.

A interpretação ó tanto dos sonhos, quanto dos relatos de vida ó deve enfatizar a polissemia da linguagem; jamais se pode privilegiar um sentido em detrimento de outros possíveis, devido a cadeias associativas diferentes. Ao manter contato com uma autobiografia, o leitor-analista precisa evitar que suas intervenções sejam entendidas como unívocas. Mas, baseado nas palavras mestras que orientam a história do autor-paciente, o òanalistaö desdobra sua leitura em múltiplas interpretações, que variam, inclusive, de espectador para espectador. São as diferentes interpretações que fornecerão ao texto novas significações. Ao se abordar psicanaliticamente uma obra memorialística, o leitor, crítico ou òanalistaö jamais poderá afirmar que sua leitura é a verdadeira, e muito menos, a única possível.

Assim, comprova-se a polissemia da literatura, e a força vital da escrita. Escrever é um ato de criação; é estabelecer a relação do escrito com a corporeidade e também com o outro; é transformar o imaterial e a relação não recíproca em uma relação possível. A literatura engloba diálogo, referência a um contexto, tradução de estados de cultura. É o afetamento pelo mundo que permite a um escritor desenvolver sua obra, que, por conseguinte, também irá afetar outras pessoas. Por fim, na tentativa de defender a interdisciplinaridade entre literatura e psicanálise, vale à pena recorrer a afirmações de Heidegger: "A linguagem é a casa do ser. Em seu abrigo habita o homem. Os pensadores e poetas são os guardiões desse abrigoö (HEIDEGGER, 1987, p. 25). Portanto, as patologias da linguagem são sintomáticas das patologias do ser e estas sempre se manifestam na linguagem ó inclusive, na literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Celso Arnaldo. *Feliz Ano Velho*. Manchete, Rio de Janeiro, ano 31, n. 1633, p. 43, 6 ago. 1983.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

HEIDEGGER, Martin. *Cartas sobre o Humanismo*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

KAPLAN, Ann (org.). *O Mal-estar no pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Organização de Jovita Maria G. Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOIZOS, Peter. Construções de vida real: biografias e retratos, in: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, n.1, Rio de Janeiro, UERJ, pp.153-171, 1996.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz Ano Velho*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SPEYER, W. S. Jonas. *Freud, o desconhecido*. Assis: FFCL, 1963.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. *Escrita autobiográfica e construção subjetiva*. Revista USP, USP-Universidade de São Paulo, v. 14, pp. 37-64, 2003.

Recebido em 13/11/2014.

Aceito em 13/12/2014.